



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

AS RELAÇÕES QUE OS ALUNOS ESTABELECEM COM A FOTOGRAFIA¹

Júnia Patricia Cardoso²
Lana Mara Castro Siman³

- Resumo

Do seu surgimento, no século XIX, aos dias atuais, a fotografia tem se tornando cada vez mais presente na vida das pessoas, a ponto de a gigante norte-americana Yahoo ter estimado em um artigo publicado pela Agence France-Presse/AFP (2013) que em 2014 seriam feitas 880 bilhões de fotos no mundo. Não à toa em 2012, Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, anunciou a aquisição do Instagram por US\$ 1 bilhão. O Instagram é o aplicativo mais utilizado no mundo para compartilhamento de fotografias, principalmente entre o público jovem. Pesquisa do Business Insider (2014) concluiu que mais de 50% dos usuários do *Instagram* têm entre 16 e 24 anos, o que demonstra o apelo que a imagem possui na vida desses jovens e como a fotografia, de uma maneira geral, se tornou importante na construção identitária dos sujeitos no mundo contemporâneo. A produção fotográfica é tamanha que a cada dois minutos, o mundo atual produz mais fotos do que em todo o século XIX, o que mostra o apreço pelo visual na contemporaneidade, principalmente entre os alunos, já que nasceram mergulhados nesse universo. Portanto, compreender a fotografia deve fazer parte das atribuições da escola. SIBILIA (2012) já analisou que o espaço escolar deve ser um local de respeito às subjetividades e que ele possa dialogar com os alunos que são digitais, mas inseridos em uma escola que ainda continua analógica. Essa geração nasceu mergulhada em um mundo imagético e acreditamos que a fotografia é importante para eles, mas é importante quanto? Como a fotografia está presente em suas vidas? Como eles a enxergam? Para se ter uma ideia, ao pedir aos alunos que trouxessem para sala de aula objetos importantes de sua história, um deles fez uma fotografia de um objeto (um moedor de café) e só levou a fotografia no celular. Ao ser questionado por essa escolha, afirmou que “era tudo a mesma coisa”. Fala corroborada por muitos outros alunos diante do diálogo. O que eles estavam afirmando é que não havia diferença entre a materialidade do objeto e sua respectiva fotografia apresentada no celular. A frase do aluno leva a pensar, dentre outras possibilidades, que a foto representava fielmente o moedor de café e não havia nenhuma manipulação ou motivos para se desconfiar da imagem apresentada. Diante dessa situação começamos a nos perguntar qual era o tipo de relação que o aluno estabelecia com a fotografia. Sabemos que ela faz parte de seu cotidiano, mas qual a importância que ocupa em suas vidas? Esses alunos do século XXI percebem mesmo a fotografia como a representação fidedigna do real? Ao apresentar a foto do moedor de café era esse o discurso que se anunciava? Até que ponto os alunos acreditavam nisso? Essa problematização inicial nos conduziu à formatação de um projeto de pesquisa que buscasse

1 Pesquisa em andamento no Mestrado em Educação e Formação Humana pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

2 Especialista e estudante do Mestrado em Educação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: contato@juniacardoso.com.br.

3 Doutora e orientadora do projeto de pesquisa de Mestrado em Educação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: lanacastrosiman@gmail.com.

compreender como é a fotografia para os jovens de uma escola pública estadual do Ensino Fundamental II. A partir daí começamos a atender junto a esses alunos, na faixa etária de 11 a 14 anos, qual era a ligação que possuíam com a imagem fotográfica. Mapeamos que a fotografia era, de modo geral, uma forma de descarte, publicidade, identidade (visibilidade e status), experiência pelo registro e confirmação do que é verdadeiro e real. No entanto, ao realizarmos as primeiras explorações junto a esses jovens estudantes, por meio de um roteiro de entrevista, vimos que nem todas as hipóteses foram confirmadas e as respostas sinalizaram o quanto desconhecemos como os alunos percebem a imagem fotográfica. A ideia do descarte, por exemplo, não se verificou. De maneira geral, há uma consciência por parte deles de que fotografar é a escrita pessoal de alguém sobre o mundo e, por isso, muitos preservam o registro e nem sempre publicam o que foi feito. A publicidade não é uma regra. E a maioria prefere fazer fotografias de paisagem. Ou seja, a selfie não é uma realidade para grande parte dos alunos que participaram das primeiras entrevistas. Apesar de se encontrar em fase preliminar, as respostas dão indícios que essa geração pode apresentar muito mais sensibilidade do que imaginávamos e que os resultados podem potencializar o uso da fotografia no processo pedagógico. Além disso, esse conhecimento inicial orientou a elaboração de um questionário muito mais nuançado a ser aplicado junto aos jovens que serão sujeitos de nossa pesquisa, podendo configurar um quadro de respostas muito mais instigante para posterior aprofundamento, por meio de entrevista. Outro ponto a ressaltar é que como fizemos a opção pela perspectiva teórica fenomenológica acreditamos ser possível buscar o universo sensível dos alunos a partir do olhar deles sobre a fotografia.

Palavras-chave: Foto; Imagem fotográfica; Arte-Educação; sensibilidade.

- Introdução

A proposta do texto em questão é refletir sobre a fase exploratória da pesquisa de mestrado que busca compreender qual é a visão dos alunos sobre a imagem fotográfica. Inicialmente, trabalhávamos com a ideia de que a fotografia era para os alunos uma forma de descarte, publicidade, identidade (visibilidade e status), experiência pelo registro e confirmação do que é verdadeiro e real.

No entanto, ao realizarmos as primeiras explorações junto à jovens estudantes do Ensino Fundamental II, por meio de um roteiro de entrevista, vimos que nem todas as hipóteses foram confirmadas e as respostas sinalizaram o quanto desconhecemos como os alunos percebem a imagem fotográfica.

A escolha pelo tema se dá pelo fato de que vivemos em uma sociedade imagética e o aluno atual já nasce inserido em meio ao fluxo intenso de registros fotográficos. Acreditamos que discutir a fotografia é uma necessidade do tempo presente, já que ela conseguiu revolucionar sobremaneira a forma como as pessoas a utilizam ao longo da história. Hoje é perceptível o quanto está fortemente arraigada no cotidiano de todos, mas principalmente, de nossos alunos.

- Desenvolvimento

Na sociedade atual, a aquisição de câmeras digitais e smartphones tem facilitado a produção de imagens e as redes sociais se tornaram um espaço para a disseminação das mesmas. É função da escola fornecer subsídios para que os alunos possam dialogar criticamente com as mesmas, principalmente por já nascerem nessa sociedade imagética.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais já enfatizaram a importância da leitura e da análise da imagem. Espera-se que o aluno do Ensino Fundamental adquira a habilidade de “dominar procedimentos de pesquisa escolar e de produção de texto, aprendendo a observar e colher informações de diferentes paisagens e registros escritos, iconográficos, sonoros e materiais” (1997, p. 43). Embora a presença da fotografia na vida dos alunos seja marcante, a escola ainda é um espaço dominado pelo texto escrito.

O pesquisador Boris Kossoy (2001) analisa duas razões para isso ocorrer. A primeira é um fator cultural. Apesar de estarmos inseridos em um “mundo-imagem” estamos aprisionados à tradição escrita como detentora do saber, como a referência máxima do conhecimento. Segundo ele, a segunda razão está ligada à primeira, pois o “problema reside justamente na sua resistência [do pesquisador] em aceitar, analisar e interpretar a informação quando esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita” (p. 34).

Mesmo que a escola não dialogue satisfatoriamente com a imagem fotográfica, ela faz parte da vida de todos, principalmente de nossos alunos, pois “a sociedade contemporânea está fascinada pelos sedutores feitiços das imagens” (SIBILIA, 2012, p. 63).

Mais recentemente, a produção e a circulação de imagens se multiplicou exponencialmente, graça à irrupção triunfal das redes informatizadas.

Esses processos detonaram uma profunda transformação das linguagens, afetando os modos de expressão e comunicação em todos os âmbitos, inclusive em campos tão vitais quanto a construção de si mesmo, as relações com os outros e a formulação do mundo” (SIBILIA, 2012, p. 63).

É fato que a fotografia revolucionou a maneira da sociedade se relacionar com a imagem de maneira geral. “O mundo a partir da alvorada do século XX, se viu aos poucos, por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado” (KOSSOY, 2001, p. 31). E seu caráter democrático estabeleceu que todos podem produzir material fotográfico, pois o acesso aos bens materiais facilitou a utilização de *smartphones* e as redes sociais estabeleceram um canal de recepção e circulação jamais visto na história, o que proporciona produção fotográfica (em excesso) e disseminação.

Vivemos em um momento em que a sociedade está a cada dia mais mergulhada em imagens, fundamentalmente, fotográficas. Do seu surgimento, no século XIX, aos dias atuais, a fotografia foi se tornando cada vez mais presente. A norte-americana Yahoo estimou em um artigo publicado pela Agence France-Presse/AFP (2013) que em 2014 seriam feitas 880 bilhões de fotos no mundo. Não à toa em 2012, Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, anunciou

a aquisição do Instagram por US\$ 1 bilhão. O Instagram é o aplicativo mais utilizado no mundo para compartilhamento de fotos, principalmente entre o público adolescente. Pesquisa do Business Insider (2014) concluiu que mais de 50% dos usuários do Instagram têm entre 16 e 24 anos, o que demonstra o apelo que a imagem possui na vida desses jovens e como a fotografia, de uma maneira geral, se tornou importante na construção identitária dos sujeitos no mundo contemporâneo. A produção fotográfica é tamanha que a cada dois minutos, o mundo atual produz mais fotos do que em todo o século XIX. Portanto, percebe-se o fascínio pelo imagético na contemporaneidade, principalmente entre os estudantes, já que nasceram mergulhados nesse universo.

Essa relação com a fotografia merece uma reflexão. O crítico e professor de Artes Visuais, David Levi Strauss, em entrevista ao jornal da Folha de S. Paulo (2015), destacou o problema a se enfrentar nesse “mundo-imagem”:

Podemos produzir, guardar, manipular e selecionar fotografias com uma rapidez inédita, mas não conseguimos decifrá-las. Esse é um processo que exige mais tempo do que aquele imposto pela economia de mercado.

E dessa maneira, a falta de tempo (e cuidado na análise) faz com que desencadeie um processo de perda de autonomia política. Para Levi Strauss, “as fotografias perdem significado e viram informação, um elemento que precisa ser apenas administrado”. Esse é um problema que atinge a todos, mas como essa pesquisa está focada nos alunos; é a relação deles com o processo fotográfico que nos interessa. Acreditamos que a fotografia é importante para eles, mas ela é importante quanto? Como está presente em suas vidas? Como eles a enxergam?

Para se ter uma ideia, ao pedir aos alunos que trouxessem para sala de aula objetos de sua história, um deles fez uma fotografia de um objeto (um moedor de café) e só levou a fotografia no celular. Ao ser questionado por essa escolha, afirmou que “era tudo a mesma coisa”. Fala corroborada por muitos outros alunos diante do diálogo. O que eles estavam afirmando é que não havia diferença entre a materialidade do objeto e sua respectiva fotografia apresentada no celular. A frase do aluno leva a pensar, dentre outras possibilidades, que a foto representava fielmente o moedor de café não havendo qualquer manipulação ou motivos para se desconfiar da imagem apresentada.

A fotografia, de uma maneira geral, é vista com uma fonte confiável. Talvez porque sugira a retenção, no tempo, do fato histórico, do passado. É como se quem apertasse o disparador não colocasse, na imagem, seus valores e sua visão de mundo. Ela parece ser uma fonte sem segundas intenções, pois é como se ao clicar, a veracidade fosse legítima e fidedigna.

Será que na visão desses alunos, a fotografia não apresenta segundas intenções e ao clicar, o resultado seria sempre fidedigno? Começamos a pensar como esses alunos se conectavam com a fotografia. Sabemos o quanto ela está presente em seu cotidiano, mas qual a importância que a fotografia ocupa em suas vidas? Esses alunos do século XXI percebem mesmo a fotografia como a representação autêntica do real? Ao apresentar a foto do moedor de café era esse o discurso que se anunciava? Até que ponto os alunos acreditavam nisso?

Qual a importância que a fotografia ocupa em suas vidas? O que eles pensam sobre a imagem fotográfica? As fotos produzidas por eles são feitas no piloto automático? Ou há alguma

relação sensível com o ato de fotografar e com o assunto escolhido para registrar? Ficamos pensando em todas essas questões. Será que a banalização da fotografia nesse mundo de intenso fluxo faz com que os alunos tenham uma relação baseada nas sensibilidades? Suas construções e olhares são sensíveis? Segundo Pesavento (2005): “o conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo”.

Nesse sentido, quando ele fotografa o que traz de dentro de si? Que tipo de vivências e experiências, ele leva para o registro fotográfico? Afinal, cada pessoa ao fotografar está enxergando algo único pelo visor da câmera, mas mesmo assim, de uma maneira geral, quando pensamos nas fotografias produzidas pelos alunos, principalmente a selfie, a enxergamos, muitas vezes, como algo mecânico, automático, massivo e sem profundidade. De uma maneira geral, observamos os alunos com seus aparelhos de celular fazendo fotos e simplificamos o próprio processo fotográfico e a ligação deles com a imagem fotográfica.

Portanto, apesar de cientes desse mundo de visualidades, nossas observações se tornaram mais atentas após a ocorrência da foto do moinho de café. Essa problematização inicial nos conduziu à formatação de um projeto de pesquisa que buscasse compreender como é a fotografia para os jovens de uma escola pública estadual, estudantes do Ensino Fundamental II. A partir daí começamos a atentar junto a esses alunos, na faixa etária de 11 a 14 anos, qual era a ligação que possuíam com a fotografia. Mapeamos que a fotografia era, de modo geral, uma forma de descarte, publicidade, identidade (visibilidade e status), experiência pelo registro e confirmação do que é verdadeiro e real.

Será que outros jovens pensavam dessa maneira sobre fotografia? Optamos por entrevistar 5 alunos da mesma escola para confirmar (ou não) essas observações iniciais. As entrevistas semi-estruturadas foram feitas (e gravadas) e nem todas hipóteses foram confirmadas. Os estudantes foram selecionados pelos professores de Arte e História a partir de interesse já demonstrado pelo visual em sala de aula.

Os dados coletados foram bem interessantes. Todos têm aparelhos de celular com câmera, mas apenas dois possuíam câmera fotográfica em casa. O que confirma uma realidade global. As vendas de câmera compacta têm caído no mundo todo. Muitos fabricantes têm preferido investir em câmeras melhores para smartphone do que na fabricação de compactas. Mas os alunos que possuíam acesso à câmera fotográfica usavam câmeras DSLR.

A ideia de que a fotografia é publicidade não se verificou, já que apesar de todos usarem as redes sociais nem sempre publicavam as fotos. Teve aluno que disse “eu faço as fotos e guardo para mim” ou “às vezes eu acabo esquecendo de postar”. O que sugere que fazer a foto seja mais importante do que exibí-la nas redes sociais.

Todos acreditam que uma fotografia não é 100% confiável por causa dos editores de fotos, mas julgam que a manipulação da imagem só pode ser feita na pós-produção da foto. Eles fotografam mais de três vezes por semana e preferem registrar paisagem. Não gostam de fotografar pessoas.

Afirmaram que poucos professores utilizam a fotografia em sala de aula e quando o fazem,

a maioria usa as que já estão no livro didático. Ao serem perguntados se todas as disciplinas poderiam trabalhar com a fotografia, todos disseram que sim, menos matemática, e em um grau menor, Educação Física.

Eles não conseguiram ver como um professor de matemática poderia usar uma fotografia. Segundo uma aluna, “a matemática é mais para ver ângulos e formatos. Não é um tipo de foto”. Aí pensou e completou: “Foto mais ou menos de lado, mais ou menos na diagonal...(...) Não... Não há uma foto matemática”. E essa mesma aluna foi categórica: “Todas as matérias têm o direito a tentar e todas as matérias tem o direito à fotografia”.

Apesar de afirmarem que não pensam antes de fazer uma foto, a maioria tem uma preocupação maior com a fotografia quando a ocasião pede (um casamento, uma viagem, por exemplo). Nenhum deles acredita ser possível viver em um mundo sem fotografia e ela tem que ser colorida, “porque tem mais vida” e “chama mais a atenção”. Ao serem perguntados se sem fotografia haveria história, acreditam que sim, “pois há outras formas de registros”, mas acham difícil visualizar os acontecimentos sem a imagem fotográfica.

A maioria afirmou que fotografia é arte, mas quando têm dificuldade para falar dela, usam a pintura como exemplo e reconhecem que nem todos as fotos possuem uma leitura fácil e automática. Também acreditam que a imagem fotográfica é documento. Apesar de usarem as redes sociais e serem atentos às fotos nesse espaço, nunca ouviram falar de Sebastião Salgado ou outro fotógrafo renomado.

Ao serem perguntados sobre o que é fotografia e qual a sua importância, as respostas foram plurais, o que demonstra o quanto ela é um processo muito pessoal.

Seguem algumas respostas:

Para fotografar precisa ter um sentimento, um amor por aquilo.

Nem sempre uma foto é aquilo que você vê.

Você pode aprender [a fotografar], entrar em um curso, mas o fotografar é um despertar do sentimento. Você pode aprender a fotografar, mas o sentimento... Não só o sentimento. Tem algo que te prende, voa no tempo. Tranquiliza. Muitos alunos aqui ficam nervosos facilmente e eu penso que se usassem um livro de fotografia, eles poderiam viajar. Eu faço psicóloga [sic]. Até ela poderia usar fotografia.

Às vezes é difícil interpretar uma foto. Depende do artista.

Fotografia é um lembrar de um momento. É o registro de um momento.

É importante a fotografia, se não a história vai ficar esquecida. Uma coisa é explicar pelo escrito, mas tem a frase uma imagem vale mais do que mil palavras. Porque aí você se sente naquele período quando vê uma foto. A foto pode ser mais importante do que o texto.

Fotografia é uma forma de relatar o que está acontecendo no momento, de guardar, de mostrar o que está acontecendo, de expressar, como uma pintura, só que com foto.

Se você quisesse viajar para algum lugar e não soubesse como lá é, o hotel, você não saberia como os quartos são [se não fosse a fotografia].

As respostas mostram que há um pensar sobre a fotografia e ela ora está associada a questões mais práticas ora pelo viés mais emotivo. De uma maneira geral, eles acreditam que o ato de fotografar está associado às emoções. Apesar de ser um grupo pequeno, é possível perceber que esses alunos já possuem conceitos estabelecidos sobre a imagem fotográfica. Não são inocentes e a usam sem reflexões. Mesmo alegando que não pensam para fazer a foto, ainda sim, a relação não é mecânica.

Essas respostas dão indícios de que essa geração pode apresentar muito mais sensibilidade do que imaginávamos na utilização da fotografia. Lembremos que a maioria dos nossos alunos (se não todos) está conectado à internet e se relaciona com o mundo através de um minúsculo dispositivo. Tudo isso requer habilidades, assim como fazer uma selfie. Para conseguir fazer uma foto nesse estilo é preciso ter o mínimo de conhecimento estético, e claro, sensibilidade. Ninguém faz uma foto de si ou do mundo sem colocar seus sentimentos. Uma aluna desse grupo (8º ano), em entrevista, ao ser questionada o que chamava sua atenção na fotografia, respondeu:

Talvez, não a cor. O expressar do olhar. Você olha umas fotos...Têm pintores... Eu sou fissurada pelo Vincent Van Gogh. Ele tem um quadro que se chama Noite estrelada [sic]. O que me chama a atenção na foto é o pôr o sentimento. Você pintou aquele quadro por qual motivo? Você fez aquela foto por qual motivo? É o olhar, o sentir de alguma coisa.

A fala dela demonstra muita sensibilidade de mundo, e não somente, com a fotografia. Ela faz relações elaboradas sobre arte e fotografia. Enuncia que a imagem fotográfica tem similaridade com a pintura e, o mais importante, é que ela tem consciência que fotografar é o expressar do sentimento, é a escrita de alguém sobre o mundo. Como afirmou Pesavento (2005): “as sensibilidades são uma forma do *ser* do mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada”. Portanto, através das imagens fotográficas esses estudantes estão se colocando no mundo e mostrando suas percepções sensíveis sobre ele. Não seria errôneo afirmar que toda fotografia tem uma mensagem para o mundo. “Qualquer que seja o assunto registrado na fotografia, esta também documentará a visão do fotógrafo” (KOSSOY, 2001, p. 54).





FIGURA 1. A noite estrelada. Vincent Van Gogh. Saint Rémy, 1889. Acervo: MoMA

A fotografia é a escrita visual de alguém e quem fotografa tem algo a enviar ao outro e ao mundo. Tentar entender essa mensagem e fornecer elementos para que nossos alunos possam refletir criticamente com a imagem fotográfica deveria ser um dos papéis da escola. SIBILIA (2012) já analisou que o espaço escolar deve ser um local de respeito às subjetividades e que ele possa dialogar com os alunos que são digitais, mas inseridos em uma escola que ainda continua analógica.

Claro, que temos consciência, que a amostragem é pequena, mas foi o pontapé inicial para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado. As respostas obtidas na fase exploratória ofereceram indícios que essa geração pode apresentar muito mais sensibilidade e visão crítica diante do ato de fotografar do que imaginávamos inicialmente e que os resultados da pesquisa poderão oferecer contribuições importantes para potencializar o uso da fotografia no processo pedagógico. Além disso, esse conhecimento inicial orientou a elaboração de um questionário muito mais nuançado a ser aplicado junto aos jovens que serão sujeitos de nossa pesquisa, podendo configurar um quadro de respostas muito mais instigante para posterior aprofundamento, por meio de entrevista.

- Considerações Finais:

Em entrevista (Revista Fhox, 2016), o renomado fotógrafo brasileiro, Sebastião Salgado, afirmou que a fotografia não durará mais do que 20 ou 30 anos. Segundo ele, “estamos em um processo de eliminação da fotografia. Hoje temos imagens, mas não fotografias”. Muito mais do que decretar o fim da fotografia, o que Salgado fez foi mostrar a importância de se discutir o processo fotográfico presente na vida de todos e questionar a produção fotográfica e sua relação com o mundo.

É preciso discutir, não somente sobre o seu papel em sala de aula (e como utilizá-la), mas a própria produção fotográfica. E saber usar significa saber o que pensam os alunos sobre

a imagem fotográfica. O historiador Marc Bloch afirmava que “a História é a ciência dos homens no tempo”. É uma frase clássica encontrada em qualquer livro didático de História. Nela está inscrito o alicerce principal da Escola de Annales, que mudou a forma de se encarar a História. Os Annales mudaram a concepção da História. Se antes apenas os documentos oficiais contavam a História, para os Annales é tudo que marca e registra a História “dos homens no tempo”. Tudo passa a ser documento e matéria-prima para o historiador, pois ela é o estudo do que os homens fazem no decorrer do tempo. E o que o homem faz é importante. Nesse sentido, a fotografia é importante.

Dedicar tempo à análise da narrativa visual é algo do tempo presente e é necessário que a escola caminhe nessa direção. A fotografia, como várias formas de arte, é uma maneira de contribuir na construção do simbólico, na atribuição de sentidos e uma forma de conexão com a época que estamos vivendo. A partir da fotografia podemos sensibilizar o olhar e amadurecer no campo estético.

A imagem fotográfica possibilita enxergar o mundo com as cores e nuances que o fotógrafo deseja. É como o poema O vento de Manoel de Barros sugere:

Queria transformar o vento

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco.

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco

mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda

estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento - que lera em Shakespeare

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino

Fotografei aquele vento de crinas soltas (2000, p. 27).

A fotografia é o resultado do olhar do fotógrafo sobre o mundo, esse querer “transformar o vento/dar ao vento uma forma concreta e apta a foto” e que pode estar carregado de poesia e sensibilidade, mas para isso é preciso querer olhar, analisar e oferecer a oportunidade para que nossos alunos fotografem “aquele vento de crinas soltas”.

Portanto, acreditamos ser possível com os resultados dessa pesquisa potencializar o uso da fotografia no processo pedagógico e valorizar uma educação do olhar. A imagem fotográfica é uma forma de conexão com a época em que estamos vivendo, e mais do que isso, uma conexão com nossos alunos. Discuti-la é lançar um olhar sobre quem somos, e como fizemos a opção pela perspectiva teórica fenomenológica, imaginamos ser possível buscar o universo sensível dos alunos sobre a fotografia. A escolha pela Fenomenologia se explica, pois ela busca entender o “ser no mundo”. Nesse caso, olhar para nossos alunos, percebendo suas percepções e suas vivências em suas relações com a imagem fotográfica.

Referências

- AGENCE FRANCE-PRESSE (AFP). **Number of photos taken in 2014 will approach 1 trillion thanks to selfie explosion.** Disponível em: <http://www.afp.com/en/node/1209707>. Acesso em: 29 ago 2015.
- BARROS, Manoel de. **Ensaaios fotográficos.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos: História. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- PESAVENTO, Sandra J. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades.** Nuevo Mundo Mundo Nuevos [En ligne], Colloques, mis em ligne le 04 février 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em: 19 de maio de 2017.
- PIRES, Francisco Quinteiro. **Fazer Imagens é fácil; difícil é decifrá-las, analisa crítico.** Folha de S. Paulo, Ilustrada, 27 set. 2015.
- REVISTA PHOX: Sebastião Salgado prevê fim da fotografia: “Não acredito que vá viver mais de 20 ou 30 anos”. 2016. Disponível em: <http://www.fhox.com.br/news/sebastiao-salgado-preve-fim-da-fotografia-nao-acredito-que-va-viver-mais-de-20-ou-30-anos/>. Acesso em 29 out. 2016.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- TWEEDIE, Steven. **This chart reveals the age distribution at every major social network. 2014.** Disponível em <http://www.businessinsider.com/age-distribution-of-facebook-twitter-instagram-2014-11>. Acesso em: 29 ago 2015.

5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

